

## AVOCAÇÃO ONTOLÓGICA À SABEDORIA EM TOMÁS DE AQUINO.

Prof. Dr. Paulo Faitanin

### §. 1. Vocação ontológica à sabedoria

As especulações que se seguem se inspiram na carta atribuída a *TA* intitulada *O modo de estudar*. Segundo Aristóteles, ‘todos os homens, por natureza, tendem ao saber’<sup>1</sup>. Nos ensina *TA*, em seu comentário dos livros da *Metafísica* de Aristóteles, que ‘a operação própria do homem, enquanto homem, é o inteligir [conhecer]’, pois, ‘naturalmente o desejo do homem se inclina à intelecção [conhecimento] e, por conseqüência, à ciência’<sup>2</sup>.

O conhecimento é aquela operação ou ação que mais intimamente nos revela o que o homem é e o que é mais capaz de fazer naturalmente. Esta atividade intelectual nata patenteia na natureza o que é próprio da substância racional. O seu ser é apresentado pelo seu operar, não encerrando no operar tudo o que ele é pelo seu ser. Por isso, muito oportunamente nos ensinara *TA* que “*omne agens agit secundum quod est actu*” [todo agente opera segundo o que é em ato]<sup>3</sup>.

O ser do homem é apresentado por uma natureza composta de corpo e alma espiritual. A alma espiritual – conhecida metafisicamente por forma substancial intelectual – é o que determina e dá o ser da natureza, da qual ela mesma forma parte. Portanto, se quisermos considerar o mais íntimo da natureza humana, sua tendência e seu desejo, busquêmo-lo na alma espiritual, porque aí

---

<sup>1</sup> ARISTÓTELES, *Metafísica.*, I, 1, 980<sup>a</sup>.

<sup>2</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Metaph.*, lect. 3. A resposta a João poder-se-ia resumir na famosa sentença aristotélica que Tomás, repetidas vezes, mencionaria em algumas de suas obras: *sapientis est ordinare* [*Sum. Theo.* I, q. 1, a. 6; *De pot.* q. 3, a. 16, sc. 5; *In I Eth.*, lect. 1, n. 1].

<sup>3</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *C. Gen.*, II, c. 53.

está a fonte do seu ser. Isso justifica a sentença de que a “*forma dat esse*” [a forma dá o ser]<sup>4</sup>.

A alma humana espiritual é, também, denominada alma intelectiva, em razão de sua função mais nobre, que é a *intelectualidade*. A alma intelectiva é ato, mas não é ato puro, ou seja, ato sem potência. Ela é ato perfectível. Por isso, dela decorrem algumas potências. Uma delas e, por sua vez, a mais importante, é a potência intelectiva<sup>5</sup>, a que se denomina intelecto [*intellectus*]<sup>6</sup>. Por intelecto – que é como um ler interiormente<sup>7</sup> – entendemos a potência pela qual a alma intelectiva busca realizar e atuar, por operações, o seu ser.

Neste sentido, a finalidade de qualquer potência da alma é chegar ao seu bom término, a saber, à atualização dela mesma, por um ato, que é a sua operação. O intelecto é aquela potência da alma e o inteligir [entender] é o seu ato, ou seja, a sua operação. Podemos resumir dizendo que o conhecimento [intelecção] é o ato da potência de entender [intelecto].

---

<sup>4</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In V Metaph.*, lect. 2.

<sup>5</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I q.79, 2.

<sup>6</sup> O intelecto [*intellectus*] é a potência da alma, mas ele mesmo não é pura potência, senão potência de algum ato e possuidora de alguma atualidade. Portanto, o intelecto, também, constitui um ato com relação àquilo que dele emerge como potência. Isso que dele se eduz ou emerge como potência é a razão [*ratio*]. Neste sentido, não significam a mesma coisa *intellectus* e *ratio*. Estabelecendo esta distinção, assim se exprime *TA* em *Sent.* II. D. 3, q.1, a.6: “Com efeito, a alma, por ser o que tem o extremo [da perfeição] dos seres intelectuais [anjos], participa de um modo mais deficiente da natureza intelectiva do que o anjo, quase que de um modo obscurecido e, por este motivo, se denomina racional, tal como ensinou Isaac, no livro acerca *Das definições*, ao dizer que razão origina-se da sombra da inteligência”. Sobre isso recomendamos: PEGHAIRE, C.S. *Sp. Intellectus et Ratio selon S. Thomas D'Aquin.* Paris: Vrin, 1936, pp. 79-80; CRUZ CRUZ, J. *Intelecto y Razón. Las coordenadas del pensamiento clásico.* Colección de Pensamiento Medieval y Renacentista. Pamplona: Eunsa, 1999.

<sup>7</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, I-II, q.108, 1, ad3; II-II, q.8, 1, c; II-II, q. 49, 5, ad3: “*Intellectus dicitur, quasi intus legens; intellectus enim nomen sumitur ab intima penetratione veritatis*”. Veja: MONDIN, B. *Dizionario Enciclopedia del pensiero di San Tommaso d'Aquino.* Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 2000, p. 368.

## §. 2. Vocação ontológica à santidade.

Assim, pois, o homem é ontologicamente apto, pela disposição natural do seu ser, para realizar-se pelo saber; portanto, quanto mais nobre e digno for ao que tende o seu ser por seus apetites, tanto mais nobre e digna tornar-se-á a sua operação e, por conseguinte, a sabedoria almejada como fruto da mesma. Maior o sabor e a sabedoria se o homem tende e direciona todas as forças de seu apetite para conhecer a Deus. É o que nos ensina Tomás de Kempis em sua célebre obra *Imitação de Cristo*:

“Como Deus é delicioso em tudo e, sobretudo a quem o ama...Ó palavra suave e deliciosa! Mas, só para quem ama a Deus...sem vós, coisa alguma agrada-nos por muito tempo, mas para ser agradável e saborosa, é necessário que lhe assista a vossa graça e a tempere o condimento da vossa sabedoria. A quem saboreia vossa doçura, que coisa não lhe saberá bem? Mas a quem em vós não se deleita, que coisa lhe poderá ser gostosa?...Esses [os sábios que se deleitam de Deus] acham gosto nas coisas de Deus”<sup>8</sup>.

Deste modo, se quiséssemos estabelecer o que o homem deseja íntima e naturalmente pelo seu ser, responderíamos: o *saber*, o *conhecer*. Este chamamento à sabedoria, que nasce do mais íntimo e natural do ser do homem, denomina *vocação ontológica ao saber*. Mas a que o homem é chamado a saber? O conteúdo deste saber não é senão aquilo que plena e perfeitamente satisfaz o apetite do intelecto: Deus.

---

<sup>8</sup> TOMÁS DE KEMPIS, *Imitação de Cristo*. Tradução de Frei Tomás Borgmeier, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 2002, Liv. III, c. 34, pp. 215-216.

O vocábulo *studium* derivado do verbo *studere*, que significa ‘ter gosto’, ‘zelo’, ‘ser desejoso’ e ‘aplicado’, designa ‘o assíduo e veemente ânimo aplicado com ocupação da vontade à realização de algo grande’<sup>9</sup>. Pois, bem, saber, do latim *sapere*, se refere, também, àquilo que *tem sabor, gosto*<sup>10</sup>. Portanto, metafórica e etimologicamente falando, *o paladar do ser realiza-se no saborear do conhecer*.

O que o homem alcança e desfruta mediante esta virtude natural – que o impulsiona a querer conhecer – além de possuir gosto e sabor muito especiais, nutre efetivamente a faculdade humana de onde emana este desejo. O homem mediante o seu ser, deseja, naturalmente, *saborear* – saber – o mundo, a si mesmo e a Deus, a quem maximamente se ordena e a quem tendem as suas faculdades.

### **§. 3. Virtudes necessárias: estudiosidade, oração e humildade.**

Do mesmo modo que o homem, por sua natureza corpórea, deseja os sabores dos alimentos e os deleites sensíveis, assim, também, deseja, mais intensamente, segundo sua natureza espiritual, saborear os sabores dos alimentos e dos deleites espirituais, portanto, *saborear* [conhecer] algum bem espiritual<sup>11</sup>.

Este bem espiritual é o *conhecimento*. E este pode ser alcançado diretamente pela iluminação divina ou pelo esforço do estudo humano, embora nunca de um modo absolutamente independente de qualquer auxílio divino. O estudo leva consigo, pois, uma intensa aplicação da mente na consideração de algo, principalmente, para chegar a conhecê-lo<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> ERNOUT, A. et MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des Mots*. Quatrième Édition. Paris: Éditions Klincksieck, 1994, verbete *studeo, -es*, p. 658.

<sup>10</sup> SANTOS SARAIVA, F.R. *Novíssimo Dicionário Latino-Português Etimológico, Prosódico, Histórico e Mitológico*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000, p. 1062. Vejam, também, a excelente introdução de L.J. Laund em: TOMÁS DE AQUINO, S. *Sobre o modo de estudar*. Tradução de J. L. Lauand em: *Cadernos de História e Filosofia da Educação*. EDF-FEUSP, vol. II, n. 3, 1994.

<sup>11</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, II-II q.166, 2. c.

<sup>12</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, II-II q.166, 1. c.

Esta intensa aplicação longe de ser uma vil submissão – tal como alguns dicionários a definem – é a *docilidade*, ou seja, a mais plena realização da própria faculdade que a possui. Docilidade diz respeito a *docere*, portanto, à aptidão ao conhecer.

Não obstante, por causa da queda do homem, instaurou-se a desordem dos desejos e como todo desejo, mesmo o intelectual, necessita de elementos naturais e sobrenaturais que o re-direcione e re-ordene àquilo que por natureza é chamado (conhecer a verdade), exigem-se, portanto, virtudes reparadoras, sejam naturais morais ou sobrenaturais teologais.

Dentro do contexto das virtudes naturais morais, a moderação deste *desejo* de saber é lograda pela virtude da *estudiosidade*, anexa à temperança, que se opõe ao vício da *curiosidade*, e que modera e ordena o ímpeto ou a desordem de qualquer natureza que possa haver neste desejo. A estudiosidade é, pois, a virtude, cuja matéria é o conhecimento<sup>13</sup>, no que diz respeito ao modo como desejá-lo, ordená-lo e adquiri-lo.

O caminho de pedras que leva à sabedoria é difícil e árduo. A ignorância é o caminho a ser percorrido e a sabedoria, enquanto anelada à verdade, é o fim e o bem desejado. Bem disse Sócrates que ‘existe apenas um bem, o saber; e, apenas, um mal: a ignorância’<sup>14</sup>. Sábias, também, são as palavras do ditado ‘estudar é suar’.

Por isso, nos advertiu *TA*, que para adquirir o tesouro da ciência, era necessário antes ‘eleger começar a partir das coisas mais fáceis, e não das mais difíceis’<sup>15</sup>, não eximindo ao amante da sabedoria, de suas efetivas dificuldades. A ignorância é, talvez, a maior delas.

À ignorância se opõe o desejo natural de saber. A ignorância vencível é

---

<sup>13</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, II-II q.166, 1. c.

<sup>14</sup> BARELLI, E., e PENNACCHIETTI, S. *Dicionário das Citações*. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2001, n. 701.

<sup>15</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *De modo stud.*, n.2., proêmio.

aquela que alguém possui por não chegar a conhecer aquilo que deveria conhecer, mas não conhece por forças e princípios alheios à sua própria vontade e tendência. Há, também, a ignorância invencível, dita deste modo não por ser absolutamente invencível, mas devido às dificuldades e esforços exigidos para a sua superação.

Neste último caso, se desconhece, não só por algum impedimento que lhe possa causar as forças e princípios alheios à sua própria vontade e tendência, senão, também, por algum impedimento que lhe possa danar a própria faculdade, devido a sua desordem e o ‘esquecimento’ e ‘obscurcimento’ dos fins próprios a que deveria naturalmente ordenar-se.

Esta é aquela que devida à intensa desordem da tendência natural tornou-se cauterizada ou ‘esquecida’ daquilo a que deve, naturalmente, tender. Neste caso, associada à virtude natural moral, faz-se necessária uma virtude sobrenatural teologal, que é a *oração*<sup>16</sup>, enquanto fruto das três fundamentais: *fé*, *esperança* e *caridade*.

Por isso, nos recorda *TA* que a intenção e a consciência retas e puras são essenciais para este propósito. E que a oração deve coroar a consciência, e a amabilidade, revestir a intenção. O silêncio deve ter presença constante e a curiosidade, ausência. Assim se evita a perda de tempo em assuntos e discussões sobre qualquer assunto, mas não sobre aquele que pode elevar à adega do saber. Cristo deve ser o modelo e os santos, os exemplos. A escuta para discernir o que de bom se diga, sem ater-se a quem o diga. A meditação e a reflexão são os critérios. A memória o refúgio e o conforto na retificação.

A humildade o seu limite, e Deus o seu término. Nos diz *TA* que se seguirmos estes conselhos, poderemos gerar frondosas folhas e frutos na vinha

---

<sup>16</sup> HÄRING, B. “Oração”, in: *Dicionário de Espiritualidade*. Dirigido por Stefano de Fiores e Tullo Goffi. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 1993, pp.841-848.

dos exércitos do Senhor<sup>17</sup>. Concluindo, podemos dizer que se somos chamados a saber e a transmitir o que ora alcançamos compartilhando com os outros, aquele que ensina, ao ensinar o que o outro desconhece, imprime, de certa maneira, no outro, algo do seu ser, trazendo ao aprendiz um pouco do sábio.

## REFERÊNCIAS:

- ANDRILLI, R.V. *Bases axiológicas para la educación personalizada, según el pensamiento de Santo Tomás de Aquino*. Buenos Aires: EDUCA, 1988.
- DAROS, W.R. “Educación y función docente en el pensamiento de Tomás de Aquino”, *Sapientia*, (Buenos Aires) 38 [1983], 45-66.
- DOMINICA, M. “The Methodology of Saint Thomas”, *Proceedings of the American Catholic Philosophical Association*, 19 [1943], 114-118.
- DONOHUE, J.W. *St. Thomas Aquinas and Education*. New York: Random House, 1968.
- ELDERS, L.J. “St. Thomas Aquinas on Education and Instruction”. Guz, T. (ed.), *Im Einsatz für Bildung und Erziehung. Festschrift zum 70. Geburtstag von Prof.Dr. J. McCafferty* (Kisslegg, 2003) 95-119.
- ELDERS, L.J. *Sobre el método en Santo Tomás de Aquino*. Buenos Aires: Sociedad Tomista Argentina, 1992.
- FILIPPI, S. “El hombre, sujeto de la educación, en la perspectiva de Tomás de Aquino”, *Sapientia*, (Buenos Aires) 44 [1989], 11-34.
- LAUAND, L.J. “Sobre o modo de estudar”. *Cadernos de História e Filosofia da Educação*. EDF-FEUSP, vol. II, n. 3, 1994.
- MARTÍNEZ, E. “Dal pedagogo al maestro. La relazione tra l'educazione e la libertà secondo San Tommaso”. A. Lobato; E. Kaczynski (eds.), *Cristianesimo nella*

---

<sup>17</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *De modo stud.*, fim.

*postmodernità e paideia cristiana della libertà*. Bologna: Studio Domenicano (Philosophia, 23), 1994, 379-388.

MARTÍNEZ, E. *Persona y educación en Santo Tomás de Aquino*. Madrid: Fundación Universitaria Española, 2003.

UCCELLI, P.A. “Di una lettera di S. Tommaso d’Aquino intorno al modo di studiare, osservazioni critiche”, *La scienza e la fede*, 117 [1871], 293-308.

WHITE, V. *How to study*. 2a. ed. Oxford: Blackfriars, 1949.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.